

## 5

### O que faz que sejamos melhores hoje?

Eu posso falar que houve uma divisão na minha vida na época que eu entrei no pré-vestibular, porque eu ganhei uma consciência ali (...) faltava isso na minha vida, alguém ou um grupo que, (...) mostrasse para mim porque eu me sentia excluída (...) foi decisivo na minha vida, porque ali eu percebi que podia transformar alguma coisa (...) aquilo ali foi o que decidi, na verdade, o que eu seria (...) meu papel ou a minha missão, se é que a gente pode dizer que isso seja “missão na sociedade”, seja em sala de aula, seja numa roda de amigos, ou, mesmo na família (...) de certa forma, ficou tão aflorada em mim essa percepção de eu me sentir como negra. Foi, na verdade, o que me fez ser melhor, hoje, como pessoa.

Ex-estudante da PUC-Rio. Bacharel em História (2001).  
Rio de Janeiro, 24/03/2006.

Este capítulo tem por objetivo conhecer, descrever e interpretar as percepções dos entrevistados sobre as suas próprias trajetórias individuais após a formatura na PUC-Rio, não apenas no que se refere ao seu ingresso no mercado de trabalho, como também no que diz respeito ao impacto social que a sua passagem pela graduação na Universidade teve para eles mesmos, para as suas famílias e comunidades de origem. Além disso, busco conhecer as identidades raciais dos entrevistados, a partir do critério de auto-identificação.

#### 5.1

##### As entrevistas: 14 histórias de superação

Iniciei as entrevistas em fevereiro de 2005, nos locais que foram escolhidos pelos próprios entrevistados, de tal maneira que se apresentasse a oportunidade de estabelecer relações pessoais com cada indivíduo em sua casa ou local de trabalho. A partir de um questionário composto por 15 perguntas fechadas, que foi aplicado a cada um dos entrevistados indistintamente, estabelecemos conversas que tornaram visíveis certos processos íntimos que, por serem muitas vezes inconscientes, eram pouco conhecidos pelos próprios entrevistados. Todas as entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas, com a preocupação central de manter-me fiel ao que foi dito. Entretanto, para a construção deste capítulo, retifiquei expressões coloquiais, suprimi repetições desnecessárias e pontuei as sentenças de acordo com a minha percepção da ênfase empregada na forma falada, tudo isso com o objetivo de

que as citações fossem mais claras para o leitor. Durante as entrevistas, no entanto, preferi não intervir e apenas anotar e identificar alguns simbolismos presentes.

Cabe lembrar que no que se refere à questão racial, utilizei como critério a auto-identificação que, por ser muitas vezes mais subjetiva do que objetiva, permite que o entrevistado reconheça sua forma de pertencimento a um determinado grupo racial na sociedade em que vive. Foi a partir desta definição que cada um dos entrevistados expressou a sua percepção sobre a presença do “racismo”, ou a sua ausência, no mercado de trabalho: a partir das suas próprias vivências.

Este processo de interação face-a-face serve para melhor entender como as ideologias dominantes, refletidas e reforçadas pelos diferentes tipos de discurso a que as pessoas estão expostas, estruturam as instituições e moldam a vida cotidiana das pessoas. É necessário ouvir não apenas o que as pessoas dizem de suas vidas concretas, mas também “como” elas falam sobre suas vidas. A utilização de relatos de histórias pessoais oferece para o pesquisador a possibilidade de conhecer não apenas os fatos, mas também, a experiência emocional de seus sujeitos a esse respeito. Ao falar, as pessoas articulam suas experiências e refletem sobre os significados destas experiências para si próprias e para os outros. Deste modo, pode-se obter um quadro mais amplo de como o entrevistado se percebe no mundo, de como e a quem ele atribui valor e do significado particular por ele atribuído às suas ações e ao seu lugar no mundo.

Vale ressaltar que a importância do relato auto-biográfico está em permitir que a trajetória de vida de cada ator social seja reinterpretada desde sua condição atual, como projeção do seu passado. A relevância desta etapa está no fato de se poder apreender em que condições e posições estes profissionais foram absorvidos no mercado de trabalho, assim como, analisar o impacto e a transformação que esta formação teve em sua vida material, em suas relações familiares e comunitárias. Significa também uma oportunidade de se fazer exame, em âmbito microssocial, de uma realidade percebida quase que exclusivamente em estudos macrossociais, como é o caso da discriminação contra a população negra na esfera do trabalho.

Estou convencido de que para o estudo da situação atual da população negra qualificada nas relações hierarquizadas da esfera do trabalho, seja imprescindível uma

análise que parta deste tipo de procedimento. Esta visão de detalhes das relações, permite a ampliação do conhecimento sobre como se apresenta no âmbito sociocultural brasileiro a questão do “racismo” e da discriminação na esfera do trabalho.

Mesmo reconhecendo que há muito ainda a ser feito para superar o abismo das desigualdades social e racial no Brasil, acredito que um importante primeiro passo foi dado a treze anos atrás pelo PVNC em parceria com a PUC-Rio. A partir deste primeiro movimento, ocorreram transformações e surgiram novas demandas, tanto na Universidade, como nas próprias comunidades de origem da população pesquisada. Reconhecer este fato é reconhecer também os créditos de autoria, e os valores culturais e simbólicos, das importantes transformações ocorridas no seio da “sociedade civil” brasileira nas duas últimas décadas.

O momento de cada uma das entrevistas se configurou como um reencontro de antigos amigos e o começo de novas amizades. Estar frente-a-frente com cada um dos entrevistados, na dupla condição de pesquisador e companheiro de luta, me ofereceu acesso a uma linguagem de gestos, olhares, sorrisos e silenciamentos que falavam de tensões e angústias, mas também de orgulhos e prazeres decorrentes de muitas realizações. O tema da minha tese despertou interesse e o desejo de dizer alguma coisa que eventualmente ainda não havia encontrado uma oportunidade de ser expressa. Quem sabe um “balanço” *a posteriori*:

...você me fez lembrar um tempo da PUC-Rio, que a gente fazia parte (...) Aquela loucura de estar na biblioteca procurando livro. Ficar horas e horas... Na verdade, estava lembrando um tempo muito bom da minha vida, que era de poder estar lá, naquele mundão de livros e aprender sempre. Não que eu tenha parado de aprender, lógico, mas era um momento muito especial da minha vida. Era um momento em que eu me sentia única ali. Era o momento da universidade! Para mim, foram momentos muito difíceis mas, ao mesmo tempo (...) eu sinto falta daquele lugar (...) ao mesmo tempo em que eu sofria muito, aflita por saber que eu não pertencia aquele lugar, porque não tinha nada a ver comigo mas, por outro lado, eu comecei ao longo do tempo a perceber que eu fazia parte daquilo ali sim. Porque, na verdade, era um elemento diferencial em meio a tantas coisas que as pessoas querem homogeneizar. O legal é ser diferente, né? (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

A semelhança de minha trajetória de vida com a dos entrevistados facilitou substancialmente a realização das entrevistas. Nenhum deles se negou a encontrar-se comigo para responder as questões, ao contrário, todos atenderam prontamente ao

meu convite, colocando-se sempre a disposição. Creio que por esta razão não ocorreu aquilo que Bourdieu (1998) chama de “violência simbólica” na relação do entrevistado com o entrevistador, a qual “acontece toda a vez que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural” (Bourdieu 1998a, p. 695).

Esta identidade de trajetórias assegurou efetivamente a tranquilidade da realização das entrevistas, através da qual pude oferecer uma escuta atenta, garantida pela “proximidade social” e, muitas vezes, “racial” que mantenho com os entrevistados. Para Bourdieu,

A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas condições principais de uma comunicação “não-violenta”. De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com sinais verbais, que indicam quer com tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor. (Bourdieu, 1998a, p. 697).

Protegido pelo meu passado e pela minha “raça” de impor uma comunicação violenta aos meus entrevistados, pude desenvolver com tranquilidade o trabalho de conhecer suas histórias de vida.

Dos 14 indivíduos entrevistados, seis encontram-se atualmente completando a sua formação profissional, através de programas de pós-graduação acadêmicos, Mestrado ou Doutorado e três deles o fazem através de cursos de Especialização. Os outros cinco não estão desenvolvendo estudos de pós-graduação.

Quanto à auto-definição racial, inicialmente cabe salientar que nenhum dos entrevistados opôs, ou questionou, a utilização do conceito de “raça” na formulação da pergunta, o que interpreto como um indicador da aceitação generalizada da pertinência da reflexão sobre os bolsistas da PUC-Rio em termos raciais, e não apenas em termos da sua pobreza. Dos entrevistados, dez indivíduos se percebem como pertencentes à “raça negra”, um se declara “branco”, um se declara “moreno” e dois não se definem em termos raciais (Ver **Tabela VIII – Dados demográficos e**

***locus* na PUC dos entrevistados e Tabela IX – Resumo dos dados demográficos e *locus* dos entrevistados** em “Anexos”, p. 238).

No que se refere à percepção de “racismo” no mercado de trabalho, independentemente das dissimulações e sutilezas presentes nas suas relações, um tema que aparece nas entrevistas e que vou abordar mais adiante, as respostas obtidas indicam que sete entrevistados declararam não perceber a existência de “racismo” em relação a sua pessoa, embora três deles declarem haver percebido “racismo” nas relações de outras pessoas. Os outros sete declararam que sofreram manifestações de “racismo” no trabalho, seja direta ou indiretamente (Ver **Tabela XII – Resumo das respostas dos entrevistados** em “Anexos”, p. 241).

Em relação ao ingresso no mercado de trabalho, nove dos entrevistados estão trabalhando na área da sua formação desde o tempo da graduação, enquanto que cinco vem se empregando com ocupações de outras atividades profissionais, havendo ingressado às suas áreas de capacitação específica mais recentemente (Ver **Tabela XII – Resumo das respostas dos entrevistados** em “Anexos”, p. 241).

Do ponto de vista da posição profissional ocupada, 11 entrevistados afirmam estar atuando em posições condizentes com a sua formação, sendo que destes, apenas oito afirmam receber o salário compatível com a sua função, quando comparado com os dos demais trabalhadores de mesma posição, experiência e “capital cultural” na empresa onde atuam. Para estes oito indivíduos não se pode falar de práticas discriminatórias, nem do ponto de vista da posição ocupada, nem da remuneração recebida. Os outros três indivíduos do total dos entrevistados afirmam que os seus salários não são compatíveis com a posição ocupada, utilizando-se do mesmo critério de referência salarial. Para estes, que estão empregados em posições condizentes com a sua formação, é possível falar de uma “discriminação salarial”. Finalmente, três dos entrevistados afirmam que sua atual condição profissional ou salarial não condiz com a sua formação (Ver **Tabela XII – Resumo das respostas dos entrevistados** em “Anexos”, p. 241).

Do ponto de vista dos tipos de empresa ou empregador para os quais trabalham os entrevistados, a pesquisa mostrou que quatro indivíduos trabalham como funcionários efetivados do setor público, especificamente em escolas municipais ou

estaduais; quatro como funcionários efetivados de empresas privadas; dois através de contratos temporários ou como empregados terceirizados por empresas privadas; um como funcionário efetivado da PUC-Rio; dois como funcionários efetivados de ONGs e um na sua própria ONG (Ver **Tabela X – Mobilidade espacial e profissional dos entrevistados** em “Anexos”, p. 239).

Quanto à mobilidade social individual e familiar a partir da passagem pela Universidade, as respostas obtidas apontam que 12 dos indivíduos entrevistados declararam que a sua condição de vida material melhorou, contra apenas dois indivíduos cujas condições materiais de existência não apresentaram melhora após a formatura. Independentemente da extensão desta “melhora” percebida (Ver **Tabela XII – Resumo das respostas dos entrevistados** em “Anexos”, p. 241), as respostas apontam para a vivência de algum tipo de mobilidade social individual e familiar, tanto no âmbito econômico, como nos âmbitos cultural e simbólico. Isto permite crer que a aquisição de “capital cultural” por parte dos entrevistados foi fundamental para a transformação do *habitus* familiar. Neste particular, deve-se considerar que para alguns entrevistados a mobilidade é percebida, principalmente, pelo efeito multiplicador da sua trajetória junto aos seus familiares mais próximos — especialmente filhos, sobrinhos e irmãos mais jovens— que passam a “sonhar”, e “investir”, por melhores oportunidades. Ainda a respeito da mobilidade social vale a pena observar os dados quanto aos locais de moradia de origem e após a formatura, resumidos na **Tabela X – Mobilidade espacial e profissional dos entrevistados** (Ver em “Anexos”, p. 239), que indicam a mobilidade espacial urbana dos indivíduos entrevistados, tanto para analisar a percepção de “melhora” nas condições materiais de existência, quanto para refletir sobre “pertencas” e “identidades”.

No que tange às relações dos indivíduos entrevistados com as suas comunidades de origem, as respostas obtidas indicam que nove dos entrevistados se sentem reconhecidos pelos seus pares. Todos estes, em algum momento, participaram dos movimentos sociais das suas comunidades de origem. Destes, seis —todos provenientes do PVNC— tem se mantido ativos junto aos movimentos sociais da comunidade através do pré-vestibular, de algum projeto social próprio ou de outras formas de atuação na vida local, enquanto que três —dois deles provenientes do

PVNC— se declaram atualmente “afastados” dos movimentos sociais. Outros cinco indivíduos do (total dos entrevistados) —dois deles provenientes do PVNC— não contribuem atualmente, ou contribuíram no passado, com os movimentos sociais das suas comunidades de origem (Ver **Tabela VIII – Dados demográficos e *locus* na PUC dos entrevistados** e **Tabela XII – Resumo das respostas dos entrevistados** em “Anexos”, pp. 238/241. O destaque para o PVNC se justifica aqui, pois este constitui um indicador importante do impacto do trabalho deste pré-vestibular popular em rede que, como foi visto anteriormente, dedica uma atenção e tempo preciosos à disciplina “Cultura e cidadania” no afã de contribuir para o processo de “afrocidadanização” nas comunidades onde atua.

## 5.2

### **Os entrevistado(a)s: uma amostra de “sucessos”**

Comecei as entrevistas com uma profissional formada em Ciências Sociais em 2002, cujo ingresso na PUC-Rio se deu por intermédio do convênio com o PVNC. Encontramos-nos nas dependências da Biblioteca Central da PUC-Rio, no local destinado a estudos em grupo. Por estar no período de férias este local encontrava-se vazio, e ocasionalmente entrava uma pessoa ou duas, de forma que pudemos conduzir a entrevista com certa tranquilidade.

Eu já a conhecia fazia algum tempo, porém não tínhamos uma amizade muito grande, mas tal fato não serviu de impedimento, ao contrário, serviu para nos aproximar. Tal como fiz com todos os entrevistados, principiei por explicar rapidamente o tema e objetivos da tese, os critérios utilizados para a seleção do seu nome e os caminhos percorridos para encontrá-la. Sempre sorridente e de bom humor, suas respostas foram bastante longas e firmes, muitas enfáticas em determinadas questões, principalmente naquelas referentes às relações raciais.

Filha caçula de uma família de cinco irmãos, órfã de pai, cuja mãe é aposentada, ela foi a primeira da família a conseguir concluir um curso universitário. Seu irmão mais velho, deficiente visual, estudou Administração de Empresas em outra universidade particular do Rio de Janeiro, mas não conseguiu concluir o curso, trabalhando atualmente como técnico. Ao falar desse irmão, a entrevistada

demonstrou gratidão pelo seu apoio e influência na construção da sua própria carreira. Logo depois que entrou na PUC-Rio, a entrevistada conseguiu estimular uma outra irmã a buscar uma oportunidade de educação superior. Esta irmã estuda atualmente em uma universidade pública do Rio de Janeiro.

Ao responder-me sobre as suas impressões em relação a sua formação na graduação, ela se mostra consciente das limitações e do condicionamento que a insuficiência do seu “capital cultural” primário impõe no início da vida universitária ao estudante proveniente das comunidades pobres, muitas vezes não por culpa deste, mas por imposição até do próprio currículo escolar transmitido a tais estudantes pelas escolas públicas do ensino médio. Assim, não se considera uma aluna “acima da média”, muito embora apresente um excelente CRA devido, principalmente, a defasagem curricular entre o colégio público e o privado, segundo a sua percepção ao entrar no ensino superior,

A gente vem, infelizmente, de uma defasagem de nosso ensino: seja do primário ao segundo grau, ou ensino médio, vem com uma defasagem muito grande. Então, no primeiro período nas aulas que eu tinha, eu percebia a dificuldade no sentido de muitos autores comentados na sala pelos professores, eu às vezes nem tinha ouvido falar (...) tinha alunos na sala que tinham estudado aqueles autores quando eles estavam no ensino médio (...) assim eles têm um conhecimento amplo, conhecimento geral que a gente dessa escola pública, ou particular que não tem qualidade (...) na verdade, a gente não tem, porque o que a gente estuda ali é aquilo já pronto, mastigadinho. Por exemplo, muitas vezes a gente vai fazer um ensino médio (...) eu ainda fiz formação geral, eu ainda tive matemática, física, química, mas a grande maioria, que eu percebia no pré-vestibular, que fizeram formação de professores, que fizeram contabilidade, eles não viam nada, não tinha aula de física, de química, não tiveram, não sabiam o que era, chegaram no pré-vestibular, levavam aquele choque (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Esta defasagem curricular não foi um impedimento em relação ao seu aprendizado acadêmico, muito pelo contrário, serviu de estímulo a que dedicasse cada vez mais aos estudos,

... há essa diferença, que a gente não pode deixar de lado. É importante, mas eu também vi alguns alunos que estudaram em uma escola bacana e que também tinham as mesmas dificuldades que eu. Assim, há uma coisa pessoal também. Tem pessoas que não se dedicam, podem estar estudando numa escola caríssima, pode ter um acesso vasto a muitas coisas, mas não se dedicam. Sempre fui uma aluna de me dedicar ao estudo, mas não foi só aqui na PUC-Rio. Sempre estudei com essa dedicação, fazendo qualquer tipo de curso: vou aprender qualquer coisa, eu gosto de estudar. Quando eu entrei na PUC eu me dediquei. Eu fui uma aluna que aqui eu tentei não só entrar na sala de aula para simplesmente estudar e voltar para casa, mas eu quis aproveitar, como o nome já diz, o universo, o que a universidade pode me oferecer. Então, eu ficava

muito tempo na biblioteca estudando. Vim ter computador agora, a pouco tempo. A Internet principalmente, a gente não vive hoje sem a Internet e sem o computador (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Declara que tem dificuldades para ingressar no mercado de trabalho na área de formação, tendo trabalhado durante algum tempo como secretária da presidência de um hospital, sua dificuldade em ingressar se deve, em função também de sua insuficiência em relação a um dos aspectos do “capital social”, as redes de sociabilidade, que segundo ela, “no nosso meio das Ciências Sociais o que acontece é que você tem que estar no meio das redes, estar no convívio para conseguir trabalho. Infelizmente é assim. Tem que ter a indicação” (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Atualmente trabalha em uma pesquisa sobre ações afirmativas nas universidades. Como no processo de realização de entrevistas as observações pertinentes servem de apoio para que o entrevistador se veja também como indivíduo do processo, esta entrevista por ser justamente a primeira, definiu os passos das posteriores entrevistas. A partir de algumas das suas observações, especialmente após a conclusão da entrevista, acrescentei não só outras questões ao meu questionário, mas também pude ampliar o escopo das minhas observações para poder perceber detalhes, que espero expressar com clareza, nas demais entrevistas.

A segunda entrevistada é uma profissional graduada em Tecnologia de Processamentos de Dados, desde 2000. Esta é uma das entrevistadas que não ingressou na PUC por intermédio de um pré-vestibular comunitário ou popular em rede. Nosso contato se deu como aconteceu para todos os estudantes da amostra imaginada, através de carta enviada pelo Correio. Logo após receber a carta ela entrou em contato comigo por e-mail e posteriormente ligou-me para agendarmos nosso encontro. Marcamos então na empresa em ela que trabalha como funcionária terceirizada no setor de informática a quatro anos. Encontramos-nos nas dependências desta empresa, no centro da cidade do Rio de Janeiro, um pouco antes de iniciar o expediente. Por não ser funcionária efetivada e por não possuir autorização para me receber em seu ambiente de trabalho, nos encaminhamos para o refeitório, onde pudemos conversar e ela pode responder minhas perguntas com certa tranquilidade,

muito embora em alguns momentos, especialmente naqueles em que entravam algumas pessoas no local, ela tenha baixado a tonalidade de sua voz, como se não quisesse ser ouvida por determinadas pessoas.

Mas estar no refeitório, um espaço “neutro” foi determinante para que pudesse extrair da entrevistada algumas das respostas que desejava, principalmente nas perguntas relacionadas à questão de mobilidade no emprego e sobre a questão da “raça”. Ela mesma reconheceu que se estivéssemos no local onde exerce suas atividades normais talvez não respondesse as questões do jeito que queria e que pediria para pular tais perguntas. Disse-me ainda que ela e sua família ficaram muito felizes com minha proposta de trabalho, pois conforme suas palavras “quase ninguém quer saber da gente e é muito importante quando alguém se preocupa com a nossa vida” (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

A entrevista transcorreu com certa tranqüilidade com a entrevistada sorrindo em diversos momentos ante as perguntas colocadas, mas estes sorrisos não me pareceram sorrisos comuns, ou mesmo de satisfação ou de alegria, muito embora possa afirmar que seja uma pessoa muita bem humorada e feliz, mas um sorriso que traz em sua expressão certa angústia, dada a oportunidade de falar da sua própria condição social e do que observa em relação a sociedade como um todo. A entrevistada me pareceu ser uma dessas pessoas que tem muito a dizer, mas que não tem a oportunidade de fazê-lo. Ela é a filha mais velha de uma família pequena, composta somente por seu pai, sua mãe e uma irmã. Revela que em sua família, no que diz respeito a educacional formal, seu pai possui somente a quarta série do Ensino Fundamental e que a sua mãe terminou o primeiro grau estimulada pela entrada dela e da sua irmã na universidade. Declara que a irmã tem a mesma formação profissional que a sua, enfrentando os mesmo tipos de problemas em relação ao mercado de trabalho. Atualmente, ela trabalha como analista de sistemas, faz Mestrado e tem como projeto de futuro dar aulas, inclusive na PUC-Rio, onde observa a presença de pouquíssimos professores negros.

Esta é uma das entrevistadas que conseguiram ingressar no mercado de trabalho durante a sua graduação, através daquilo que a Entrevistada 1 chamou atenção de que

é preciso ter para se conseguir emprego: uma rede de relacionamentos. Desta forma, ela informa que ingressou de imediato no mercado de trabalho por indicação de um dos seus professores. Ao falar-me de sua percepção em relação a sua formação, afirma ter sido uma aluna acima da média, principalmente por ter já no primeiro período obtido um excelente desempenho, destacando o fato de a partir do segundo período ter começado a fazer monitoria e de ter permanecido nessa função durante três períodos, na Disciplina Lógica Matemática.

Mas este bom desempenho não a impede de reconhecer as dificuldades que teve no decorrer de seu aprendizado. A exemplo da primeira entrevistada, faz sérias observações sobre a questão do currículo para os Ensinos Fundamental e Médio, e sobre o que é cobrado no exame de vestibular para se ingressar nas universidades, exaltando o esforço individual que cada um de nós temos que fazer para superarmos tal defasagem. Em sua fala percebe-se claramente que a questão da oportunidade para o ingresso ao ensino do terceiro grau, para a população negra e pobre, principalmente a partir da implementação das ações afirmativas no Brasil, é um dos instrumentos mais importantes para ampliar a igualdade de oportunidades dos estudantes das camadas populares para seu ingresso no ensino superior:

Eu sou a favor das cotas porque eu sempre estudei em colégio público. Mesmo sendo a melhor aluna do colégio público, as matérias que davam eram... [deficientes?] No primeiro grau, tudo bem, mas quando chega no segundo grau já diferencia um pouquinho. Eu também tive um agravante maior, porque eu fiz técnico. Eu fiz um segundo grau normal, de formação de professores, e depois eu fiz técnico em contabilidade. Isso é até uma coisa comum para o pessoal que mora na Zona Norte, Zona Oeste, porque a gente já tem aquela preocupação de começar a trabalhar (...) a gente faz o segundo grau técnico e depois faz outro, se for preciso, e a gente vai estudando (...) é até uma coisa comum. Só que quando chega a hora da entrada na faculdade é uma coisa mais difícil a gente conseguir entrar, porque a matéria não está de acordo com o que é cobrado no vestibular. Então, eu concordo com esta parte de ter cota para a entrada para o vestibular, não só para negros, mas para quem veio do colégio público, porque é totalmente diferente. Por exemplo, eu vim de colégio público, de colégio técnico, que era um pouco diferente. A gente tem dificuldade na hora de entrar sim, porque a matéria que é cobrada é totalmente diferente do que o que foi dado, mesmo você tendo se esforçado durante anos, é diferente. Só que depois que a gente entra (e eu não fui a única que fui bem nos cursos na faculdade) a gente se esforça, a gente se iguala ou tem o desempenho melhor do quem veio de colégio particular, porque você começa a estudar uma coisa mais voltada para sua área. Então, a desculpa que as pessoas falam “as pessoas estão entrando, mas não tem base nenhuma” é mentira. A gente se esforçou, estudou o que foi dado para a gente, só que quando chegou na hora de entrar, o que foi cobrado foi diferente, só isso. Mas depois a gente tem condições, de igual para igual, de estudar e conseguir ter um desempenho

bom (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Como o pesquisador deve estar atento às contingências da pesquisa, a partir desta entrevista remodelei o questionário para incluir no seu corpo uma questão através da qual cada entrevistado pudesse falar livremente sobre qualquer assunto relacionado ao tema, trazendo questões que não haviam sido imaginadas para o questionário. Posteriormente esta questão mostrou-se importante porque através dela outros temas vieram à tona, tais como a importância da estrutura oferecida pela PUC-Rio na vida acadêmica e pessoal dos entrevistados, bem como o significado simbólico da minha tese para os entrevistados.

A terceira entrevista foi a única realizada em uma residência. Esta ocorreu no bairro Parque Novo Rio, município de São João de Meriti. Nosso primeiro contato se deu pelo telefone logo após o recebimento da carta-convite para a entrevista. Embora eu não a conhecesse anteriormente, a entrevistada me recebeu com muita cordialidade em sua residência, na qual estavam presentes no momento da entrevista a sua mãe, uma tia, um sobrinho e no decorrer desta chegou seu filho de aproximadamente cinco anos de idade vindo da escola. Formada em Direito desde 1999, esta entrevistada é filha única, bem como foi o único membro da família a frequentar a universidade. Como ocorreu com a segunda entrevistada, ela também não ingressou na PUC através do pré-vestibular, pois por ser formada em História ela entrou na PUC-Rio como portadora de diploma de ensino superior. Inicialmente pensou poder pagar a universidade, mas após alguns meses de dificuldades financeiras recorreu a Vice-reitoria Comunitária, da qual obteve uma bolsa de ação social.

Esta é uma das profissionais que ainda não ingressou no mercado de trabalho na profissão em que se formou na PUC-Rio. Ela trabalha atualmente como professora de História da rede pública estadual e do município de Duque de Caxias, embora recentemente tenha começado a exercer paralelamente a advocacia. Não haver exercido a advocacia por opção própria, se deve ao fato de que logo depois da sua formatura ela engravidou e preferiu aguardar um pouco, e porque tem em seus planos fazer concursos públicos, para os quais está se preparando. Recentemente, no entanto, ela começou a exercer a advocacia para ajudar aos seus vizinhos em causas locais.

Ao analisar o seu desempenho acadêmico, ela se percebe como uma aluna na média, que embora tivesse feito “tudo direitinho”, naturalmente teve dificuldades que conseguiu superar com seriedade.

Da mesma maneira que ocorreu com esta entrevistada, a quarta entrevista foi agendada pelo telefone após o recebimento da carta-convite, ocorrendo nas dependências do escritório da entrevistada. Este escritório foi montado em sociedade com uma amiga, também formada pela PUC-Rio, no bairro de Jardim 25 de agosto, Duque de Caxias, em 2005, cinco anos após a sua formatura. O escritório está localizado frente a estação de trem, em um prédio modesto e pouco conservado. Ele tem uma pequena sala com banheiro, dispendo de uma mesa, um computador e uma estante de ferro, onde ficam guardados livros e documentos. A modéstia do local revela a condição socioeconômica das profissionais e a dificuldade que os profissionais oriundos das camadas populares enfrentam no início de sua carreira profissional para exercerem as suas atividades.

Formada em Direito desde 2000, seu ingresso na PUC-Rio ocorreu através do PVNC. Ela fez parte da primeira turma do convênio da PUC-Rio com o PVNC. Sua família é composta por sete irmãos, cuja mãe estudou até a terceira série e o pai menos que isso. Entre os irmãos, a irmã mais velha e o irmão mais novo frequentaram a universidade. Os demais são operários e dona-de-casa. Muita atenciosa e particularmente simpática a pesquisa, em muitos momentos da conversa a entrevistada emocionou-se e conteve as lágrimas. O clima de emoção me levou a dar alguns depoimentos pessoais sobre os temas que apareciam na conversa, permitindo que a entrevistada desabafasse em relação a sua condição profissional. Mesmo estando com um escritório de advocacia montado, ela nos diz que não está satisfeita em trabalhar com Direito porque sua intenção sempre foi a de fazer concurso público para exercer uma atividade superior e, desta forma, ajudar sua comunidade. Quanto a isso, ela falou sobre a condição de exercício de sua profissão na comunidade onde está estabelecida:

Não estou menosprezando quem está advogando, mas eu gostaria de estar a serviço mais daquele povo de onde eu sou oriunda (...) e eu não me sinto bem aqui, porque é um escritório particular. Apesar de que é um escritório com característica social, porque a maioria de nossas ações a gente vai receber depois. Até porque eu estou num local muito pobre e as pessoas chegam aqui abandonadas pela sorte. Então, aqui a

gente acaba fazendo Serviço Social, porque a maioria das nossas ações não entra dinheiro. Entra dinheiro quando a gente ganha, no final do processo. A gente faz um contrato. Mas a maioria das nossas ações é dinheiro por vir. Se a gente pedir entrada, a gente não tem cliente. A maioria dos advogados não trabalha assim. Só que a gente tem uma formação da onde a gente veio e a gente estudou para isso. É isso que eu não concordo, é isso que eu não sinto bem. Eu estudei para ser uma promotora, uma defensora, uma juíza com esse olhar social. (Entrevistada 4. Formada em Direito no ano 2000. Duque de Caxias, 23/03/2006).

Dado ao clima emocional e a angústia demonstrada pela entrevistada, esta entrevista me fez perceber que as limitações impostas pela deficiência de “capital social” e econômico se mostram como as principais dificuldades a serem superadas para a ascensão social dos negros da sociedade brasileira. Quanto a isso, o apelo que a entrevistada fez é um material importante para reflexão:

Eu gostaria que a PUC-Rio nos olhasse (...) foi ótimo ter feito a PUC-Rio, ótimo ter tudo que a gente está conseguindo hoje, foi graças a PUC-Rio (...) sinceramente, eu gostaria de um (...) não sei o que pode acontecer (...) Assim com foi difícil para a gente estudar saindo aqui da Baixada e a gente conseguiu estudar lá durante cinco anos, com a passagem cara, pegando três ônibus daqui para lá, entendeu? Sempre muito difícil! Nós conseguimos romper essa barreira, estudar, ganhado só bolsa. A única coisa que foi dada para a gente, pelo menos quando eu estudei, foi só a bolsa. Não tinha muita ajuda de nada, passagens, livros... A única ajuda que eu tinha era a biblioteca e alguns livros que infelizmente, ou felizmente, tínhamos que comprar (...) Eu não estou pedindo ou tentando alguma coisa totalmente de graça, mas eu gostaria de ter uma ajuda. Tem tanto curso... Tem tanta gente sem curso... Tem tanto curso preparatório para juiz, para promotor, para defensor, para procurador federal, alguma coisa assim. Não sei como poderia ser feito isso, mas poderia abrir um pouquinho para a gente que não tem condições de pagar 500 reais de curso (...) a gente lá na PUC-Rio não conseguiu só a bolsa? O resto a gente não deu conta? Se a gente conseguisse uma bolsa num curso desses, a gente daria conta, porque sacrifício a gente sempre fez (...) Eu só não tenho 500 reais para fazer o curso. E o que acontece comigo? Uma frustração, porque eu gostaria de ajudar mais a comunidade de onde eu sou oriunda. Eu gostaria de ajudar mais as pessoas, as pessoas que batem aqui no escritório, as pessoas que procuram o judiciário e o judiciário está com as portas fechadas. As pessoas que são lesadas, além de ser desassistidas da sorte ainda são lesadas por todo mundo, por todos, seja no trabalho, seja pela civil, seja pelo que for, elas são lesadas (Entrevistada 4. Formada em Direito no ano 2000. Duque de Caxias, 23/03/2006).

A quinta entrevistada é uma amiga fraterna que tive no tempo da graduação na PUC-Rio. Nosso encontro aconteceu nas dependências do IFCS da UFRJ, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Sentados em uma das mesas do pilotis, mantivemos uma conversa longa e bem humorada, na qual pudemos falar sobre minha tese e sobre os nossos projetos para o futuro. Encontrar-me com ela foi muito prazeroso, pois pudemos reviver alguns dos momentos mais importantes de nossas vidas na

universidade, nos quais pudemos compartilhar momentos alegres e tristes. Neste encontro ela me disse que se encontrar comigo para esta entrevista serviu de estímulo para que ela retomasse seu projeto de voltar ao ambiente acadêmico. Talvez seja esta uma das “missões” deste trabalho: fazer ver a estes indivíduos, pelo menos aqueles que estão afastados da vida acadêmica, a importância da sua presença neste espaço, que foi conquistado a duras penas e com muita luta. Fazer ver que o espaço acadêmico não deixou de ser nosso depois que nos formamos, mas que precisamos ocupá-lo cada vez mais, não só estudando, mas também, ensinando, pesquisando e trabalhando. Fazer ver que a universidade é também um espaço de formação da “cidadania” do qual devemos e podemos participar como co-autores junto a outros grupos sociais posto que, afinal de contas, a universidade também faz parte do mercado de trabalho.

Formada em História desde 2000, quando fala de sua formação, declara ter sido uma aluna na média, algumas vezes superando alguns de seus companheiros de turma, mas nada além da normalidade. Informa que o seu ingresso no mercado de trabalho foi um pouco complicado, o que a levou inicialmente a considerar que a opção pelo curso de História havia sido equivocada. Apesar deste início difícil, ela se diz muito feliz com a carreira que escolheu e embora não tenha muito dinheiro, tem conseguido viver do fruto da sua formação. Ela trabalha atualmente em três escolas como professora de quinta série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Além disso, ela fez uma pós-graduação no PENESB da UFF em “Raça, etnia e educação do negro no Brasil”. Filha caçula de uma família de 11 irmãos, ela é a quinta pessoa da família a ter curso superior. A este respeito ela diz que em sua família “o germe de que tem que estudar para poder ser alguém na vida, no modo mais tradicional que é, acabou se firmando, acabou ficando meio como uma marca. Faculdade é essencial. É necessário e fundamental” (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Quanto ao futuro, ela pretende fazer Mestrado e Doutorado e, mesmo dizendo que quer estudar muito e que não pára nunca de estudar, a entrevistada reconhece as limitações que lhe são impostas pela insuficiência de capital econômico para seguir em frente como seu sonho de voltar à vida acadêmica.

Então, existe uma pressão do meio acadêmico em relação a você e existe, por outro lado, uma vontade minha de me reinserir no mercado acadêmico. Mas, por outro lado, aí você tem outro obstáculo na sua vida, que é como você vai fazer um Mestrado, ou como você vai fazer um Doutorado, sem que você tenha necessariamente que lutar pela vida para poder receber seu salário. E como optei por primeiro tentar me estabilizar financeiramente, ter uma vaga pública e, mais de uma na verdade e trabalhar, eu de certa forma acabei deixando um pouco de lado meu sonho acadêmico de fazer um Mestrado. Sonhos para o futuro têm muitos. Eu sei que posso alcançar todos, entendeu! Fé e vontade eu tenho (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

Professor do quadro extraordinário e coordenador adjunto de monografias no Departamento de Direito da PUC-Rio, o sexto entrevistado, recebeu-me nas dependências do Departamento onde trabalha. Por ser um freqüentador assíduo da Biblioteca da PUC-Rio onde trabalho, eu já o conhecia antes, pois, de certa forma, acompanhei o seu crescimento acadêmico. Por esta razão, foi uma grata constatação ver o seu nome incluído na lista dos indivíduos selecionados pela amostra imaginada.

Nossa entrevista não durou muito tempo e suas respostas foram curtas e diretas. Em sua família ele e o irmão freqüentaram a universidade. Ao me falar de sua graduação, ele considera que foi um aluno acima da média, especialmente porque durante sua trajetória acadêmica ocupou espaços na universidade normalmente ocupados por alunos com outros perfis e pode, em função disso, incluir-se nos quadros docentes da universidade após a sua formatura na graduação. Entre os seus projetos de futuro está a conclusão do Doutorado para continuar dando aulas na universidade. Sua entrada no mercado de trabalho ocorreu simultaneamente ao término da graduação:

Quando eu me formei, o que aconteceu? Eu entrei logo no Mestrado. Eu me formei em 2002.2, e já em 2003 entrei no Mestrado e, muito em função de eu fazer parte desse grupo que eu falei para você —o PET, Programa de Ensino Tutorial, um grupo que justamente serve para preparar quadros para pós-graduação, para assistência, para coordenação— facilitou bastante no sentido de eu começar a dar aula. Logo que eu entrei para o Mestrado, eu também comecei a dar aula aqui no departamento. Eu comecei a dar aula desde o início de 2003. Eu me formei em dezembro e em março já estava dando aula aqui no Departamento (Entrevistado 6. Formando em Direito no ano de 2002. Gávea, 05/10/2006).

Esta entrevista foi muito importante, como se verá mais adiante, por permitir perceber as diferenciações quanto a trajetória dos formados entrevistados, especialmente sobre as questões do mercado de trabalho.

O sétimo entrevistado é formado em Administração desde de 2003 que ingressou na PUC-Rio através de um curso de pré-vestibular popular do Colégio Teresiano, o curso Êxito. Ele trabalha na função de Analista de Marketing de uma empresa privada ligada aos ramos do petróleo e plásticos, que está localizada em um condomínio empresarial de luxo na Barra da Tijuca, local onde aconteceu a entrevista. Encontramos-nos nas dependências da empresa e nos reunimos com tranquilidade em uma das suas salas de reunião. Proveniente de uma família pequena, ele e sua irmã freqüentaram a universidade. Hoje é casado e tem um filho. Ao analisar o seu desempenho acadêmico, ele se diz um aluno acima da média porque sempre gostou de estudar e, desta forma, sempre conseguiu ter boas notas.

Seu ingresso no mercado de trabalho ocorreu ainda durante a graduação, através de um estágio. Segundo ele, com “um pouco de sorte, porque durante a graduação eu tive, montei, um grupo de amizade muito forte, colegas que me ajudaram muito, e um desses colegas me indicou onde estou hoje, como estágio” (Entrevistado 7. Formado em Administração no ano de 2003. Rio de Janeiro, 24/04/2006). Esta é uma clara referência a importância das redes de relacionamento presentes na PUC-Rio, como uma das formas de inserção no mercado de trabalho, que a Entrevistada 2 já havia mencionado anteriormente. Para ele:

Esse *network* da PUC-Rio, em relação as outras faculdades é essencial mesmo para o mercado. Fora a formação acadêmica que, isso aí, já é forte mesmo. Mas, o *network*, que não tem em lugar nenhum, não malhando não este tipo de coisa, que eu acho que é muito importante na PUC-Rio. No meu caso, foi justamente formar este *network*.... Eu acho, foi essencial para dar esse passo para frente, porque eu acho que sem isso, acho que ainda seria bem difícil, porque com pouco tempo formado eu consegui espaço, aqui principalmente, e em outros lugares, consegui aparecer, e consegui aparecer com o aval de alguém, vamos dizer assim, aval de alguém que já me conhecia, que já me conhecia e “ah, ele é um bom aluno, ele se esforça”, aí eu aparecer em outros lugares (Entrevistado 7. Formado em Administração no ano de 2003. Rio de Janeiro, 24/04/2006).

Como veremos mais adiante, desta entrevista pude extrair evidências para estabelecer diferenças significativas em relação a discussão sobre as formas de discriminação racial no mercado de trabalho.

A oitava entrevistada é formada em Serviço Social desde 2000. Ingressou no mercado de trabalho através de estágios desde o terceiro período até ingressar definitivamente na empresa onde trabalha atualmente como Assistente Social na

função de Técnica, coordenando projetos ligados a movimentos sociais. Ela tem pós-graduação em “Planejamento urbano e métodos de pesquisa”. Nosso encontro aconteceu nas dependências desta empresa, na sua sala na qual ela trabalha. Estavam presentes naquele momento mais quatro pessoas, todas não-negras, porém isto não impediu que ela me respondesse todas as questões com tranquilidade e bom humor.

Ao analisar o seu desempenho acadêmico ela afirma que teve um aproveitamento regular, especialmente porque não pode aproveitar do universo oferecido pela PUC-Rio. Na sua família apenas ela e uma prima, também estudante na PUC-Rio, tiveram até agora a oportunidade de cursar uma universidade. Segundo ela,

... depois que a gente conclui o curso, acha que deveria ter aproveitado mais. Mas, o próprio histórico de vida não permite, não permitiu, pelo menos para mim, que eu aproveitasse mais. Então, para mim, foi tudo corrido, entrei na faculdade trabalhando, saí da faculdade trabalhando, ora em trabalhos, mesmo formais, ora no estágio. Então, eu sinto muita falta nesses quatro anos e meio que eu passei na universidade, que poderia ter aproveitado mais, mas a situação em si não permitiu, então, eu acho que (...) aproveitei o que foi possível aproveitar, a partir da minha estrutura (Entrevistada 8. Formada em Serviço Social no ano 2000. Rio de Janeiro, 26/04/2006).

A nona entrevista foi um capítulo a parte nesta caminhada. Ela foi a primeira pessoa a ingressar na PUC-Rio por intermédio do convênio com os pré-vestibulares comunitários e populares em rede, em 1994. Sua trajetória está marcada pela luta para incorporar a população negra nas universidades e por trabalhar de maneira efetiva para a melhoria da comunidade onde reside.

Nosso primeiro encontro aconteceu no prédio do MEC, na cidade do Rio de Janeiro, onde a entrevistada estava para uma reunião com diversos professores e coordenadores dos pré-vestibulares populares. Esta reunião tratava-se do evento “Programa diversidade na universidade. Projetos inovadores de curso, PIC 2006”, promovido pela UNESCO em parceria com o Ministério da Educação. Por intermédio dela, participei daquele evento, não apenas acompanhando os debates, mas, sobretudo observando a importância da liderança da entrevistada. O segundo encontro, agora especificamente para a entrevista, ocorreu nas dependências do local onde ela trabalha. Esta foi a única entrevista realizada em um local de trabalho no interior da comunidade onde reside a entrevistada. A sua ONG está instalada em um modesto sobrado, com uma sala de aula, um sala espaço de leitura e biblioteca, uma cozinha e

sala para a coordenação. Nossa conversa ocorreu na cozinha, na qual pudemos desenvolver com tranquilidade nossa conversa, que durou um tempo razoável.

A entrevistada é formada em Letras desde 1998, tendo trabalhado durante a sua graduação no Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, e após a sua formação continuou trabalhando por mais três anos. Posteriormente, ela trabalhou em algumas ONGs e, atualmente de sua própria ONG. Filha única, órfã de mãe, ela é a única da família a passar pela universidade. Ao analisar o seu desempenho acadêmico ela firma que foi uma aluna normal, mas que procurou sempre, para além da questão do curso em si que fazia, levar a questão racial para a Universidade. Nesse sentido, ela sempre esteve envolvida com os professores do Departamento de Letras e de outros Departamentos da PUC-Rio, buscando levar para dentro da Universidade esta discussão, pois ela era uma das duas únicas estudantes negras da sua turma. Este seu esforço continuou fora de Universidade, com a criação do seu próprio pré-vestibular:

A ONG é uma idéia que surgiu a partir do próprio pré-vestibular, quando a gente trabalhava. Eu estudei no pré-vestibular em 1993, em São João de Meriti. Aí, em 1994, eu entrei na PUC-Rio. Eu pensei em estar trazendo o pré-vestibular para o lugar onde eu morava. Então, a gente trouxe o pré-vestibular para cá e comecei a fazer um trabalho durante um tempo, trabalho que já tem treze anos. A gente vem discutindo essa problemática do negro e a educação e como é que a gente poderia fazer um trabalho mais aprofundado. Porque com o tempo a gente foi percebendo que o pré-vestibular, ele não trabalha muito em cima, ele trabalha com os negros que conseguem terminar o segundo grau, e tem uma série de problemas, uma série de histórias que a gente vem acompanhando de uma negação muito grande em relação a questão racial e sua própria identidade, uma negação muito grande dos nossos alunos do pré-vestibular em relação a sua identidade negra. E a gente pensava de que forma a gente podia mergulhar nesse universo para estar tentando trabalhar lá na base. E aí o pré-vestibular surge a partir desta idéia, de ir para dentro das escolas e trabalhar como os alunos lá na base, lá na educação infantil (Entrevistada 9. Formada em Letras no ano de 1998. Duque de Caxias, 31/05/2006).

Neste encontro tive a oportunidade de conhecer de perto o trabalho que a entrevistada desenvolve em pró da sua comunidade. Foi muito significativo estar lá e constatar que o trabalho desenvolvido com aulas de pré-vestibular e educação de jovens e adultos, embora tenha cerca de dois anos, possui um tremendo potencial para crescer ainda mais e torna-se uma importante instituição.

A décima entrevista ocorreu nas dependências da Biblioteca Central da PUC-Rio, na sala destinada a estudos em grupos, na qual pudemos estabelecer uma conversa bastante agradável.

A entrevistada ingressou na PUC-Rio através do PVNC e é formada em Serviço Social desde 1999. Seu ingresso no mercado de trabalho também aconteceu durante a graduação, quando iniciou suas atividades na empresa onde trabalha atualmente como Gerente de Atendimento. Ela é a segunda pessoa da família a ingressar numa universidade, a irmã estuda Letras na PUC-Rio. Ao analisar o seu desempenho acadêmico ela se percebe como uma aluna na média dos estudantes do Serviço Social. Atualmente ela está cursando o Mestrado na PUC-Rio, onde deseja lecionar e posteriormente fazer um Doutorado.

Conheci a décima entrevistada logo no início da sua trajetória pela PUC-Rio, onde compartilhamos alguns momentos felizes e outros de muita apreensão em relação ao futuro. Quando ingressou na Universidade, em 1996, ainda não estavam muito bem delineados e estabelecidos os programas de benefícios que esta oferece atualmente aos estudantes pobres, o que fez com muitas pessoas oriundas do PVNC, como ela passasse por momentos muitos difíceis. Seu percurso de sucesso, profissional, bem como acadêmico, é uma evidência concreta da sua capacidade de luta e resistência.

A décima primeira entrevistada é também membro da primeira turma a ingressar na PUC-Rio através do convênio com o PVNC. Bacharel em Letras desde de 1998 e Licenciada também em Letras desde de 2001, ela tem exercido suas atividades profissionais na própria PUC-Rio, onde começou a trabalhar como estagiária durante a sua graduação no Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor, NEAM, no qual trabalha até hoje como secretária. Em sua família a mãe é professora aposentada, o pai é falecido e seu irmão mais velho não frequentou a universidade, trabalhando como vigia de uma refinaria em Duque de Caxias.

A décima segunda entrevista é uma das mais importantes e significativas deste trabalho por sua singularidade. Encontrei-me com a entrevistada nos bastidores da emissora de televisão na qual ela trabalha como jornalista âncora de um telejornal. A entrevista ocorreu em uma ante-sala da sala de maquiagem, onde pudemos conversar

tranqüilamente e a entrevistada pode responder com segurança, simpatia e bom-humor a todas as perguntas.

Além disso, depois de terminado mantivemos uma conversa informal sobre alguns aspectos da sua profissão e do próprio movimento negro. Nesta conversa ficou clara a sua consciência do seu papel social, enquanto um ícone de resistência para a população negra.

Formada em Comunicação Social desde 2001, ela exerce atualmente a atividade de apresentadora do telejornal de caráter nacional que entra no ar as 22:00h, de segunda a sexta-feira. Seu ingresso na PUC-Rio foi também por intermédio do PVNC. Quando fala de sua formação declara ter sido uma estudante acima da média, não só por ter se empenhado bastante lendo todos os textos recomendados e os textos referidos a estes, mas principalmente por ter obtido um desempenho superior a de alguns de seus amigos de turma, na qual era a única estudante negra. Seu ingresso no mercado de trabalho aconteceu de uma forma rápida e tranqüila como estagiária, tendo inicialmente ingressado em seu primeiro emprego após a formatura na graduação através de um concurso. Posteriormente trabalhou em dois outros canais de televisão durante três anos. Foi convidada e aceitou trabalhar em uma emissora paulista até aceitar um convite para trabalhar na emissora onde atualmente exerce suas funções. Ela foi a primeira da sua família a entrar em uma universidade e sua irmã entrou posteriormente. O efeito multiplicador do seu esforço é para ela a maior recompensa:

Jamais se sonhava em entrar na universidade. Fui a primeira pessoa da minha família a entrar na universidade, de todos, por parte de pai, de mãe, e de todos os ancestrais, de tudo, enfim, de todos os escravos. Então, hoje não, hoje eu tenho, acho que quatro pessoas na universidade, e quase todos da nova geração sonham (...) Isso não tem preço (Entrevistada 12. Formada em Comunicação Social, em 2001. Rio de Janeiro, 18/07/2006).

Em termos de projeto de futuro, ela deseja consolidar a sua posição de apresentadora, enquanto aprende mais sobre produção em vídeo, porém ela espera em algum momento poder mudar o centro da sua atividade para a produção de textos, imagino que para trabalhar com redação. Durante o nosso encontro, no entanto, um acontecimento revelou bastante das relações raciais no seu ambiente de trabalho e, quem sabe, algo mais sobre o seu projeto de futuro. Logo depois que terminarmos a

entrevista, ela me guiou pelos bastidores da emissora para me mostrar alguns setores. Quando chegamos no setor de redação, no entanto, percebi um forte constrangimento da parte dela, pois as pessoas que lá estavam não deram a menor atenção ao esforço que ela fez de me apresentar a todos. A atitude de indiferença parece ter a ver com uma invisibilidade imposta a determinadas pessoas, em determinados ambientes e bem pode ser que sejam estas as novas fronteiras que se deseja atravessar. Por outro lado, quando chegamos ao estúdio onde ela grava o telejornal, fomos recebidos com muita deferência pelas pessoas ali presentes. Foi ali também que a entrevistada falou: “veja como esta emissora tem muitos negros lindos trabalhando”, ao me apresentar para uma colega da produção.

Ainda na linha das coisas não ditas, ou apenas sugeridas, no que se refere ao “racismo” no ambiente de trabalho, outro fato específico chamou minha atenção. Na porta de entrada da emissora eu perguntei a entrevistada se há ali um estacionamento e ela me respondeu positivamente. Perguntei-lhe então se ela estaciona habitualmente o seu carro ali e ela respondeu que prefere pagar um estacionamento ali perto. Indagada sobre o porquê desta situação, ela disse que tivera uma discussão com um dos seguranças da emissora que a havia tratado de forma discriminatória e preconceituosa. Por não desejar prejudicá-lo, ela não havia tomado qualquer atitude de retaliação contra ele. Desta maneira, ela prefere pagar o estacionamento para não se aborrecer, pois, para apresentar o telejornal ela precisa “estar muito bem”. Pela riqueza das respostas e das situações vividas, creio que esta entrevistada corresponde a uma das expressões mais acabadas de uma trajetória de ascensão social dos indivíduos da população negra, oriundos do PVNC e que passaram pela PUC-Rio, com todos os problemas relacionados com a questão da discriminação racial na sociedade brasileira. Eu acredito que ela pode ser considerada como uma referência daquilo que procuro conhecer com este trabalho.

A décima terceira entrevista foi realizada na área verde do campus da PUC-Rio, na qual pudemos estabelecer uma conversa longa e tranqüila. A exemplo de algumas das pessoas entrevistadas anteriormente, também conhecia esta entrevistada desde de seu ingresso na universidade. Também oriunda do PVNC, ela é formada em Letras

desde 2001. Ao analisar o seu desempenho acadêmico, a entrevistada se considera uma estudante acima da média, sobretudo pelo esforço empreendido.

Do ponto de vista do trabalho, ela informa que ainda não conseguiu uma posição efetiva, mas que vem trabalhando desde a sua formação com bolsa de pesquisa na Casa de Rui Barbosa e, durante cinco meses, como secretária do Decanato do CTCH na PUC-Rio. Ela é proveniente de uma família de cinco irmãos, dos quais apenas ela ingressou na universidade. Como perspectiva de futuro, ela pretende continuar trabalhando na área de pesquisa. Atualmente ela faz Doutorado em Letras e está ligada a Cátedra de Leitura da PUC-Rio.

A última entrevista aconteceu com um profissional formado em Geografia desde 2001, que ingressou na universidade através do PVNC. Quanto ao seu desempenho acadêmico, ele informa que foi um estudante acima da média, não só por ter obtido um CRA alto, o que lhe possibilitou conseguir bolsa de iniciação científica, mas porque a cobrança imposta aos estudantes que ingressam pelo PVNC é muito grande neste sentido. Seu ingresso no mercado de trabalho aconteceu através da iniciativa de um dos professores do Departamento de Geografia que identificou uma posição de professor em aberto em uma escola na Zona Oeste. Posteriormente fez Mestrado na UFF e atualmente trabalha como professor universitário em faculdades particulares de Nova Friburgo e Rio de Janeiro. Como projeto de futuro, ele deseja fazer um Doutorado, em função da demanda no mercado de trabalho. Em sua família, composta por ele, seu irmão e sua mãe, somente ele fez universidade, porém seu irmão está recentemente retomando seus estudos. Nosso encontro aconteceu em um restaurante do Centro da cidade do Rio de Janeiro, no qual pudemos estabelecer uma conversa longa e prazerosa. Embora eu já tivesse referência dele através de outros entrevistados, eu ainda não o conhecia pessoalmente.

### 5.3

#### **A dinâmica das auto-identificações raciais**

Inquirir os indivíduos entrevistados sobre a sua condição racial configurou-se como um dos principais momentos da tese. Até o início das entrevistas não tinha a certeza de que encontraria entre tais indivíduos um número significativo de

indivíduos pertencentes à população negra, pois, como já chamei atenção, não existia na PUC-Rio documentos que me confirmassem tal condição. Foi a partir da constatação de que os indivíduos entrevistados, em sua maioria, são da população negra que me deu a possibilidade de levar à frente a confirmação ou não da minha hipótese.

No processo de realização da pesquisa, à pergunta colocada “Como você se define em termos de “raça”? obtive importantes e significativas respostas, muitas delas proferidas por um discurso longo, que trazem e traduzem um significativo simbolismo em seu conteúdo. Mas, significativo também foi receber respostas com declarações definidas somente com a palavra “negra”, como expressão da nítida consciência de quem responde sobre sua identidade racial positiva, que é externalizada em sua posição no mundo, em suas ações e atitudes que, entendo, parece não precisar dizer. E este “não precisa dizer”, deve ser compreendido não como um silêncio em torno da questão, mas como uma afirmativa enfática de legitimação da própria identidade racial negra positiva, traduzida na trajetória e nas ações que não precisa de um reconhecimento externo para legitimá-la. Este aspecto revelado nos discursos dos entrevistados quanto a sua percepção sobre a própria identidade racial não deixam margem para dúvidas: antes de se perceberem como “brancos virtuais”, se definem como “negros”, de fato e de direito.

Estas afirmativas substanciais que legitima a identidade racial negra, remete a questão da identidade racial como elaborada acima, ou seja, como uma afroconsciência que constrói uma identidade com sentido de autoria, colocando em andamento uma nova de perspectiva diante desta questão, diria até, uma transformação de paradigma no seu sentido e entendimento. Como bem mostrei acima, este é o primeiro sentido do que estou chamando de “afrocidadanização”, seu primeiro alicerce. Este é um aspecto importante e transformador que mostra bem o nível de conscientização. A partir do reconhecimento de seu pertencimento a um grupo racial, os indivíduos entrevistados, portadores de diploma do ensino superior, portanto, negros em processo de ascensão social, invertem de certa forma e dão um novo sentido de futuro a proposição apresentada por Souza (1983), quando esta afirma que a identidade do negro em ascensão:

... o coloca em conflito com sua historicidade, dado que se vê obrigado a negar o passado e o presente: o passado, no que concerne à tradição e cultura negra, e o presente, no que tange à experiência da discriminação racial (Souza, 1983, p. 70-73).

Como autores de suas identidades e agentes de seu destino tais indivíduos não se baseiam mais em uma identidade forjada a partir do “ideal de ego branco” (Souza, 1983, p, 33-44)<sup>1</sup> para se sentirem brancos virtuais e galgarem melhores e maiores posições no mundo, mas baseiam-se em sua própria capacidade e nos valores positivos do grupo racial a que pertencem.

### 5.3.1

#### **Negra. Negra mesmo!**

Como um dos protagonistas dessa história de “sucesso” não poderia furtar-me em explicitar o processo de construção de minha identidade racial. No decorrer de minha trajetória, esta passou por um longo processo de maturação e veio a ser construída e a se estabelecer efetivamente como uma identidade racial “negra” mais recentemente. Posso afirmar que passei pelas fases identificadas por Ferreira (2000). Tinha naturalmente consciência da minha condição de negro desde a minha infância e adolescência, mesmo tendo como referencial familiar um grupo de não-negros por parte da minha mãe, mas nesta construção o referencial negro preponderou sobre o não-negro. Nesta trajetória, cheguei a participar de grupos do movimento negro e até do próprio movimento *black power*, mas muito mais para dançar *soul music* do que como participação política.

Naquele tempo tinha conhecimento das lutas empreendidas pelo movimento negro, mas não as julgava como “minha luta”, ademais não queria saber muito das “coisas de crioulo”<sup>2</sup>, mesmo porque, olhando retrospectivamente, tinha em mim, em minha consciência, talvez em decorrência de minha socialização, do meu *habitus*

<sup>1</sup> Souza define “ideal de ego” como uma instância regida pelo signo da onipotência e marcada pelo registro do imaginário, caracterizando-se pela idealização maciça e pelo predomínio das representações fantástica. Em seu estudo caracteriza o negro que persegue o “ideal de ego branco”, como aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido. A este propósito afirma, que na construção de um “ideal de ego branco”, a primeira regra básica que o negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer “mancha negra”. (Souza, 1983, p.34).

<sup>2</sup> Para que não seja interpretado de forma errada, quero esclarecer que uso esse termo de forma proativa, não no sentido de desqualificar a luta e o movimento, ou a própria identidade racial negra. Àqueles que participam como eu do movimento negro sabem que esta expressão também significa a afirmação da identidade racial negra.

cultural primário, forjado tanto no interior de minha família, como nas minhas relações, informado fortemente pela ideologia do embraquecimento<sup>3</sup>, pois ouvia sempre que devíamos “clarear”. Não sabia bem o que significava isso e, como transitava livremente pelos caminhos que queria transitar, tudo que queria fazer, fazia. Não me faltava emprego, claro sempre trabalhava de auxiliar de alguma coisa, mas querendo sempre subir e conquistar meu sonho de me formar, julgava que as questões ligadas ao movimento negro em suas reivindicações, eram questões radicais, que não tinha muito a ver com a minha vida, mas também não tinha “capital cultural” suficiente para seguir, me faltava uma coisa primordial: a formação e a informação necessária para atuar em instâncias superiores da sociedade.

A partir do momento em que ingressei na PUC-Rio, primeiro para trabalhar e posteriormente como estudante, foi quando realmente comecei a “denegrir”, ou seja, “tornar-me negro” em todos os sentidos. Comecei a compreender que aquilo que tinha me afastado até o momento, por acreditar serem questões alheias a minha pessoa, já que não percebia nas minhas relações sociais nada que me levasse a acreditar que a questão racial ajudava ou prejudicava a minha vida, mesmo porque não percebia as formas sutis pelas quais o “racismo”, através das diversas formas de discriminação, atuava sobre a minha história.

O processo de “saída da caverna” (Platão, 1997) em função de minha entrada no ensino superior contribuiu para que todo o processo através do qual as relações de poder atuam sobre a identidade social do indivíduo da população negra no Brasil se tornasse menos obscuro para mim. É inegável que a entrada na universidade opera um processo de mudança nas maneiras de se perceber as relações sociais, especialmente as relações de poder, que incidem diretamente sobre as relações raciais. Esta entrada opera uma mudança substancial de *habitus* em nossa realidade. Então, a partir de meu ingresso no ensino superior e posteriormente na pós-graduação, pude desenvolver um processo consciente, e baseado nisso, construir

---

<sup>3</sup> Aqui entendo o termo ideologia como definido por (Nascimento, 2003, p. 27), “um sistema de idéias ou representações, normas e regras que operam socialmente e são percebidas, ou muitas vezes passam despercebidas, como se existissem em si e por si mesmas, separadas e independentes das condições materiais e históricas. A essência da ideologia é a sua função de ocultar o processo histórico da constituição dessas idéias, representações, normas e regras no contexto das relações de poder. A ideologia evita que os dominados percebam as artimanhas da dominação”.

diversas relações e produzir trabalhos, tendo como noção o meu pertencimento a este específico segmento social. Isto permitiu que eu estabelecesse desde então em minhas relações sociais uma relação baseada na alteridade, uma fase de articulação. Quero dizer com isso que, mais uma vez olhando retrospectivamente a minha história de vida, em minhas relações sociais existia de forma inconsciente, baseado naquela socialização ideológica, um preconceito e uma discriminação enraizados em meu ser para com os meus pares, com influência direta em meus relacionamentos especialmente em relação às comunidades em que vivia.

Hoje eu posso dizer que me considero outra pessoa —uma pessoa melhor—, mas digo também que este reconhecimento não me levou a discriminar ainda mais, tanto os meus pares como os outros, não fiquei parado na fase radical da militância, ao contrário, quando se tem plena consciência da existência de discriminações pode-se lutar contra ela, a favor de uma equidade nas oportunidades, a favor da justiça social e de uma democracia ampla, sem necessariamente se empreender algum tipo de radicalismo e inverter o “racismo”. Esta é também a essência do que chamo de “afrocidadanização”.

Dito isto, posso afirmar que sou negro e que tenho me posicionado no mundo com esta afroconsciência. Obviamente não vejo em todas as minhas relações sociais, tanto na esfera pública, como em minhas relações na esfera privada, um “racismo” atuante o tempo todo, mesmo porque as suas sutilezas são muitas vezes imperceptíveis e nos leva a acreditar na sua inexistência, mas reconheço sua existência em minha trajetória e tenho procurado superá-lo com minhas atitudes e ações, sem deixar de seguir em frente.

Uma discussão sobre o processo de identificação racial que se refira aos estudantes bolsistas de ação social formados na PUC-Rio requer que seja ressaltado um importante aspecto: o fato de que a grande maioria é de estudantes provenientes dos pré-vestibulares comunitários e populares em rede, o que por si só já traz uma grande diferença em relação ao trato com as questões sociais, em virtude de serem cursos diferenciados que aglutinam em si também uma dimensão de movimento social, imprimindo discussões significativas, que influenciam diretamente na construção ou na transformação de um “capital cultural” ou de um novo *habitus*. Em

função disso, nesses cursos a ação político-pedagógica é empreendida de forma sistemática com uma grade curricular diferenciada, através de uma disciplina específica estabelecida para se discutir as questões políticas, sociais e culturais da sociedade brasileira: “Cultura e ‘cidadania’”.

A primeira entrevistada, se declara negra e ilustra sua resposta falando de diferença racial e dos problemas que a classificação social dos indivíduos baseada nessa diferença traz para a população negra. Sua resposta é longa, mas retrata o que tem sido percebido sobre as relações raciais no contexto sociocultural brasileiro. No decorrer de seu discurso apresenta uma série de exemplos que retratam as categorias que tratamos anteriormente quando falamos de “racismo”: a ideologia do embranquecimento, os estereótipos, a questão da auto-estima e seu fortalecimento da identidade racial negra, através do reconhecimento da própria negritude. É importante perceber em seu discurso estão presentes referências as principais instâncias referenciais através da qual a população negra tem sofrido os efeitos do “racismo” na sociedade brasileira.

Eu me considero negra mesmo! Essa questão de “raça” tem sempre essa discussão. Ah!, mas a gente não pode falar que existe diferença racial! Não existe diferença racial, biologicamente falando! Mas a gente sabe que é um termo mesmo político. A gente sabe que não há, biologicamente, uma diferença entre brancos e negros. Mas eles são tratados diferentes, e esse tratamento diferenciado, essa classificação, essa discriminação é cortado racialmente. Então as pessoas classificam, denominam de pessoas brancas, negras, mulatas e mestiças, entendeu? A gente sabe que no Brasil há uma infinidade de classificações (...) não dá para você desconsiderar isso. Embora a gente saiba que tem alguns teóricos que querem acabar com essa classificação, com esse termo, com esse conceito de “raça” (...) não dá para você ser a favor disso! Porque a partir do momento que eu classifico outra pessoa racialmente, embora a gente saiba que não existe diferença, mas eu classifico, eu discrimino, eu denomino. Não há forma de a gente fugir disso. Eu me considero negra. (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005)

A importância do ambiente familiar, de um *habitus* primário formador de uma consciência do pertencimento ao grupo racial negro, a partir de valores positivos, especialmente ligados ao papel da mãe, foi preponderante para que a entrevistada estabelecesse sua autoconfiança e o fortalecimento de sua auto-estima desde a infância em sua construção identitária para que não sofresse com os estigmas e

estereótipos ligados a sua “raça”<sup>4</sup>, nos ambientes bom o bastante que freqüentava, especialmente nos ambientes primários de socialização, como a escola, veja o que ela diz,

Na verdade eu sempre tive esse orgulho de ser negra, de ter a questão racial muito clara desde muito cedo. Na verdade, graças a minha família, a estrutura familiar. Eu fui criada dentro de uma família de negros de não discriminar os próprios negros, de ser os negros racistas. A gente sabe que tem muito. Então ouvir aquelas frases de que você tem que clarear a família! Lá em casa nunca teve isso. Isso também facilita a sua própria auto-aceitação. Sua auto-estima, já fica mais elevada e quando você é criada numa família de negros que não existe lá auto-estima, que escuta a mãe, oh! “você tem que arrumar namorado só branco para clarear a família”, que tem que alisar o cabelo, afinar o nariz, então esta criança nascendo neste ambiente, nessa família, com esses conceitos mesmos racistas, mesmo sendo negro ele vai ter muita dificuldade na auto-aceitação, e a auto-estima dele vai ser sempre lá embaixo. Então, por exemplo, até ele chegar a cuidar bem, a se orgulhar de si vai demorar muito mais tempo do que uma pessoa que vive em uma família onde não existe isso. Na verdade, sempre teve um combate, (...) lá em casa a gente discutia muito essas coisas, meus pais nunca tiveram muito estudo, meu pai só teve o primário, minha mãe também. Minha mãe é semi-analfabeta, ela lê com dificuldade, escreve também com dificuldade, mas assim, eu nasci numa família, assim, meu pai lia muito jornal, ele via muito noticiário, ele discutia muita política com meu irmão, assim, eu nasci nesse ambiente de muita discussão até mesmo sobre o cotidiano. Minha mãe sempre falava aquela coisa de “nunca deixe as pessoas te humilharem em nenhum momento, não abaixe a cabeça para chorar igual a uma boba”, se chegasse em casa chorando porque alguém falou alguma coisa, minha mãe brigava, ela não queria que eu fosse uma pessoa passiva e respondesse a altura, nunca abaixar a cabeça, sempre teve isso lá em casa. Eu falo para mim que eu nunca tive muitos conflitos como percebo de muita gente, de não se aceitar, de ter vergonha de ser assim. Assim, desde criança eu convivi com o “racismo”, com a discriminação (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

O espaço de socialização como o ambiente familiar e suas relações não são por si só suficientes no processo de formação de uma identidade racial negra positiva,

<sup>4</sup> Marco Antonio Chagas Guimarães (2001) faz uma relevante análise sobre a importância de um meio ambiente familiar bom o bastante, desde a infância, que seja capaz de identificar as potencialidades ligadas a população negra, tornando-as mais positivas o suficiente para superar as marcas negativas que são impostas pelo não-reconhecimento e, a partir daí, afastar “a situação de vulnerabilidade subjetiva”. Este autor se alicerça no pressuposto winnicottiano de que o indivíduo necessita não só no início, mas ao longo de sua vida de um campo imaginário, chamado por ele de “área de ilusão” e “espaço potencial” (1975). Este campo atua como espaço intermediário, de mediação psíquica, facilitando ao indivíduo perceber, sentir, elaborar, “digerir” os processos oriundos da dinâmica estabelecida entre necessidade e, mais tarde, desejo, e os limites e possibilidades apresentados pelo meio ambiente sócio-cultural em que vive. Assim, procura evidenciar que, se a área de ilusão e o espaço potencial, como “terceira área”, são instâncias psíquicas fundamentais, se, também segundo Winnicott, a constituição e manutenção deste campo intermediário pressupõe a existência de um meio ambiente bom o bastante e, se, situações de racismo, preconceito e discriminação impostas por nosso meio ambiente à população de descendência negra, apontam na direção de um meio ambiente continuamente adverso, portanto nada bom o bastante, esta população de brasileiros, ficaria exposta às conseqüências provenientes das limitações de tão importante campo da subjetividade.

pois a “vulnerabilidade subjetiva”<sup>5</sup> a qual é exposto o indivíduo da população negra, através da representação negativa de sua imagem, está presente também em outras instâncias socializadoras e formadoras de *habitus* cultural na sociedade, como é o caso das escolas e do sistema escolar. Para ela, a escola tem sido um local de reprodução da discriminação racial, em virtude de não está preparada para tratar com a questão da diferença, incluindo aí alguns professores que só reproduzem o que está no senso comum e não problematizam tal questão. Desta forma, todo um complexo de sentido voltado a produzir baixa auto-estima e desvalorização do indivíduo da “raça” negra é construído desde a infância, a este propósito ela nos diz,

A gente que é negra já inicia, principalmente na escola, com as coleguinhas, (...) eu percebia na hora das brincadeiras, na hora das dancinhas, (...) eu gostava de participar de todos os eventos da escola: dança, gincana, e quando nas danças para dançar com um par, aí os meninos não queriam dançar comigo, então era aquela coisa de escolher, aí você consegue perceber. Eu lembro que meu sonho era ser a sinhazinha da quadrilha (dança folclórica específica das festas juninas) e nunca consegui até hoje. Tinha um sonho de ser sinhazinha e nunca ninguém me escolhia. Então aquela decepção! Chegava em casa e chorava. É preciso mesmo ter uma estrutura familiar porque essas coisas acontecem. Até que um ano ninguém queria dançar comigo, até que sobrou também um menino que ninguém queria dançar com ele. Ele era branco, mas tido como morador da favela, favelado, aí, nos juntamos. Numa época de 9 e 10 anos que tem a dificuldade de você participar dessas brincadeiras marca muito, essa criança negra, essa criança que é discriminada por qualquer coisa, a gordinha também, então você vai sendo excluída dessas coisas, vai marcando sua infância e tem pessoas que marca negativamente, fica meio retraída, se sentindo mesmo inferior aos outros. É preciso refletir muito sobre isso. Na escola o professor tem mesmo o poder, tem que estar muito ligado com essas questões, refletir sobre essas questões porque a grande maioria dos professores reproduz o “racismo”, reproduz todos esses ismos. Não tem essa consciência, então vai reproduzindo esse “racismo”, há ainda os livros didáticos, que mostra a diversidade da sociedade brasileira pela diferença na quantidade de filhos nas famílias e não trabalham naquele momento a diversidade da população brasileira, de colocar as famílias indígenas, famílias negras, famílias brancas, ter essa representação para que as crianças negras e indígenas se vêem ali no livro didático. E tem professor que só reproduz e pronto (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

As representações sociais da imagem do negro no universo do mundo do trabalho, que conseqüentemente impulsionam a discriminação, é outro tema presente

---

<sup>5</sup> Marco Antonio Chagas Guimarães (2001) trabalha com o conceito de “situação de vulnerabilidade subjetiva”, na tentativa de dar visibilidade às conseqüências, para a subjetividade do indivíduo afro-descendente, de um meio ambiente nada “bom o bastante” como o é a sociedade brasileira. O termo “situação” quer evidenciar que a vulnerabilidade, em nenhuma hipótese é uma característica estrutural, mas algo que se estabelece em função da presença de um meio ambiente adverso e que, enquanto se mantém, dificulta o exercício de reais potenciais de mulheres, homens e crianças negras.

em seu discurso, tais representações sociais das profissões atribuem para determinado tipo de profissão um específico perfil racial, como também foi apontado por Quijano. Ela prossegue,

Vamos olhar as profissões, como essas profissões estão sendo representadas: profissionais liberais, médicos, advogados, só tem branco representando essas profissões, não tem um negro, quando aparece um negro ele está carregando saco, ele é carregador de saco, eles fazem um desenho se remetendo aos escravos, sem camisa, descalço, carregando saco. Então, o que isso está reproduzindo, que o lugar do negro está determinado, que ele só pode ter essa profissão, e assim tem casos que você percebe isso, já ouviu falar: a professora pergunta o que você quer ser quando crescer? Se um aluno negro responde que quer ser médico, alguns professores deboçam dele. Vem do professor, não vem dos colegas de classe, vem do professor que jamais deveriam ter essa atitude, jamais poderiam expressar, reproduzir isso. Então nossos professores não estão preparados para lidar com a diversidade, só estão preparados para lidar com a universalidade, com a uniformidade. A gente percebe não só nas escolinhas, primário, mas também nas universidades (Entrevistada 1. Formada em Ciências Sociais no ano de 2003. Rio de Janeiro, 16/12/2005).

Quando fiz a pergunta à entrevistada, inicialmente ela ficou um pouco constrangida em me responder, em seguida deu um sorriso longo e alto e disse “eu poderia dizer que sou uma pessoa batalhadora, sempre tento fazer o melhor, as vezes a gente tem que ser o melhor para poder conseguir alguma coisa”. Com esta resposta ela revelou uma das facetas que caracterizam o “racismo” brasileiro: o recalque ao silêncio, caracterizado pela acepção popular na qual racista é quem fala de “racismo” ou enuncia sua identidade racial, assim como, a atitude não-racista é caracteriza pelo silêncio (Nascimento, 2004, p. 23). Diante desta resposta, insisti com a pergunta, ela então me respondeu,

Negra! Minha família toda é, e a gente tem orgulho de ser. Às vezes as pessoas falam que não tem “racismo”, mas é lógico que tem, mesmo quando as pessoas não querem ser, elas são. Às vezes a gente ouve uma frase ali, até aqui no trabalho mesmo, as vezes eu ouço algumas frases e são de pessoas que, não é uma coisa contra mim, as vezes estão conversando e eu ouço frases que são racistas. Se você perguntar para as pessoas, elas falam que não são, e nem é uma coisa direta contra você, as vezes estão comentando de outra pessoa, de uma situação e a gente vê frases ali que são (Entrevistada 2. Formada em Tecnologia em Processamento de Dados no ano de 2000. Rio de Janeiro, 13/03/2006).

Naquele momento observei que era preciso insistir, deixando-a a vontade naturalmente, em algumas questões para que ela me respondesse mais claramente, pois observei que tinha muito a dizer, mas sentia-se um pouco receosa e constrangida em fazê-lo. Isto aconteceu nas diversas questões especialmente nas questões sobre as

suas percepções sobre “racismo” e discriminação em suas relações trabalhistas, mas depois quando a deixei a vontade para falar, passou a falar sobre os diversos assuntos de maneira mais enfática, demonstrando todo o seu sentimento em relação a sua posição de mulher negra na sociedade brasileira, os quais estarão presentes na seqüência do estudo em outros tópicos.

A questão da identidade racial negra é muito precisa e forte na consciência da entrevistada 3, cujo entendimento sobre esta questão é muito presente em sua trajetória de vida. À semelhança da primeira entrevistada, esta também tem marcada fortemente em sua subjetividade as raízes e as positivities da descendência africana, em função de sua socialização em um ambiente familiar favorável a sua construção identitária, dando-lhe um amplo entendimento do que significa pertencer em todos os sentidos a “raça” negra, ouça o que ela diz,

... Negra, absolutamente negra, e em todos os sentidos, quer dizer, eu sou negra de uma família baiana, que é do candomblé. Então, a coisa da cultura negra também é muito forte na minha vida. Eu sou do candomblé. Então, absolutamente negra, de pele e de cultura (Entrevistada 3. Formada em Direito no ano de 1998. São João de Meriti, 16/03/2006).

A entrevistada 5 declara ser uma afrodescendente que aos poucos foi se reconhecendo como tal, afirmando que o fato de ter reconhecido sua identidade racial negra positivamente a ajudou muito a crescer e a tornar-se uma pessoa melhor e mais próspera, utilizando-se como exemplo afirmativo desta afroconsciência e desta “afrocidadania” no ambiente em trabalha.

Eu! Totalmente assim, aquela minha afrodescendencia latente. Uma coisa que eu não conhecia e que, de certa forma, volto a dizer, transformou a minha vida mesmo. O fato de eu me conhecer começar a perceber que eu faço parte de uma grande maioria, e que, na verdade, se torna minoria, na medida em que não consegue ter o mesmo tipo de posição, alcançar posições sociais amplas e mais prestigiosas. Assim, eu me defino assim, como a afrodescendente entre tanto outros. Negra, valorizo em sala de aula, embora, muitas vezes os meus alunos chegam para mim “Professora, a senhora não é negra não”. E aí, volta a questão dos estereótipos, volta a questão das características do que é ser negra, ser negro, tem que ser negro, negro, negro, tem que ser retinto. Tem que ser, é, na verdade, tem que ter um cabelo crespo, ou seja, é questão de ser negro, além de ser uma característica não apenas física, também é uma questão de ideologia. É você se sentir, na verdade, uma questão política, uma opção política que a gente faz. Então, isso que, de certa forma, ficou tão aflorada em mim, essa percepção de eu me sentir como negra foi, na verdade, o que me fez ser melhor hoje como pessoa (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

No seu discurso destaca a importância da educação, principalmente a partir do seu ingresso no PVNC e posteriormente em sua entrada na universidade, como uma influência direta para a construção de sua identidade racial, como um dos exemplos de como o indivíduo começa a “denegrir”, a torna-se mais negro através da educação e que, por este aspecto, houve uma divisão em sua vida.

Eu posso falar que houve uma divisão na minha vida. Na época que eu entrei no pré-vestibular, porque eu ganhei uma consciência ali. Na verdade, eu tinha uma certa recepção para isso, já tinha, faltava isso na minha vida, alguém ou um grupo, pelo menos que destacasse em mim, que mostrasse para mim porque eu me sentia excluída, e ali, o ano de 1995 para mim foi decisivo na minha vida, porque ali eu percebi que podia transformar alguma coisa. Poderia estar em história, poderia estar em matemática, qualquer que fosse a disciplina, mas aquilo ali foi o que decidi, na verdade, o que eu seria em relação ao meu papel ou a minha missão, se a gente pode dizer que isso seja missão na sociedade, seja em sala de aula, seja numa roda de amigos, ou, seja mesmo na família. Porque sou considerada a chata da família. Eu sou a chata, aquela que tudo é preconceito, tudo é “racismo”. Porque assim, as vezes, é claro, você tem que relaxar um pouco senão as pessoas não se sentem nem a vontade perto de você, mas você começa a notar que a tua presença muda o comportamento da pessoa, de certa forma isso é bom. Tem que mudar mesmo, porque a pessoa tem que saber o que é que fica no plano do privado, e que aquele privado que é aceitável e aquilo que fica no mundo público, que as pessoas fazem sem nem mesmo criticar o tipo de ação que estão fazendo (Entrevistada 5. Formada em História no ano de 2001. Rio de Janeiro, 24/03/2006).

### 5.3.2

#### Somos da “raça” humana

O processo de identificação como efeito do reconhecimento de se pertencer a um determinado grupo racial, não é, como vimos anteriormente, uma questão estável e estática, mas um processo complexo e multifacetado, é uma construção. É mais, ele é um conceito estratégico, político e posicional.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturada, que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagonicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2004, p. 108).

À medida que avançava nas entrevistas, a questão da identificação racial como um dos instrumentos para esta análise das trajetórias, foi se revelando imprescindível, especialmente porque a questão racial não é um aspecto considerado pela PUC-Rio para o ingresso dos estudantes provenientes das camadas populares. Assim, como a

identidade racial também é um processo de escolhas, de reconhecimento de pertencimento a determinado grupo racial, ou não, certamente influenciado pelo contexto do qual o indivíduo se enuncia e se percebe, no qual foi socializado, o seu *habitus* cultural, alguns dos entrevistados expressaram em seus discursos a complexidade desta discussão no contexto sociocultural brasileiro. Nos discursos dos entrevistados aparece de forma transparente a dificuldade que este tema se apresenta.

Em sua resposta o entrevistado 6 se declara “moreno” e afirma ser complicado se discutir a questão racial Brasil, porque entende que a mistura racial em nosso país é muito grande e que, portanto, não existe uma definição clara sobre “raça”.

Olha, primeiro, que falar em “raça” é complicado, tirando o fato de nós, (...) já é uma questão da “raça” humana. Enfim, dentro da nossa realidade, acho que sou moreno. No Brasil tem essa gradação em dizer que um é branco e outro é negro. Eu não posso chegar e dizer, não numa perspectiva negativa, mas eu acho, isso é uma coisa muito interessante, mas eu não tenho isso tão marcado assim, não numa perspectiva negativa, mas também por causa da mistura que a gente tem aqui, então, por exemplo, a minha mãe é branca de cabelo claro, olhos claros, meu pai não, meu pai já é mulato. Então, eu acho que a gente tem um pouco isso, da proximidade maior com a mistura, a gente conhece essas gradações. Eu particularmente acho um pouco forçado chegar e dizer que todo mundo é preto, não você tem que afirmar sua negritude, eu acho que fica um pouco fora da nossa realidade cotidiana (Entrevistado 6. Formando em Direito no ano de 2002. Gávea, 05/10/2006).

O reflexo da dificuldade criada no contexto social brasileiro relativamente a “raça” e a cor como duas formas de identificação racial, aparece também de forma clara no discurso do entrevistado 7, que reputa a coincidência do destino não ter nascido negro. Seu discurso evidencia e enfatiza todos os estereótipos ligados a imagem social atribuída aos indivíduos da população negra, que o leva a considerar e a referenciar esta imagem a de um trabalhador especificamente braçal.

Eu não defino não, porque na verdade, minha cor, da para dizer, um russo desse é branco, mas minha irmã é preta, preta mesmo. Minha mãe é branca, meu avô é preto. Meus primos todos, ai vão de moreno a pardo. Então, acho que eu saí branco, meio que, não diria sorte, mas coincidência do destino, porque minha família, minha mãe, minha irmã e meu pai, que não é da família, que me abandonou ai, fui criado só pela mãe, que eram brancos, então, eu fiquei branco. Minha irmã mesmo, minha mãe quem fala “você só tem pele branca”, sangue, aquele nariz grande, é forte, carregava as coisas lá, lá materiais para caramba. Então, só tinha a pele branca mesmo, o resto é preto (Entrevistado 7. Formado em Administração no ano de 2003. Rio de Janeiro, 24/04/2006).

Para a entrevistada 13, a sua condição racial se apresenta como indefinida e relacional, sendo definida de forma positiva ou negativa, de acordo com a situação e

com o ambiente em que se encontra, mas se declara negra e se diz um exemplar da miscigenação.

Indefinida. Não, acho assim, olha só, é muito engraçado isso, porque eu acho que sou negra, lógico. Meu pai era negro, minha mãe é branca leite, mas meu avô é branco, minha avó é negra, os dois também já morreram. Mas, é como se eu fosse um exemplar da miscigenação, as sardas, esse cabelo que não é, meu cabelo, a cor dele natural é mais ou menos essa (sará), é, uma pele que não é branca, também não é negra. Quando você chega num lugar, aí “não, você não é negra”, ah não, aí, você vai para outro lugar e você não é branca também. Eu sou bem resolvida com isso, eu finjo que não estou nem aí. Se negro não me aceita porque eu tenho sarda, e sardas é coisa de branco, ah, problema é dele, não sabe o que está perdendo, sabe. Se eu vou para o branco, e o branco não me aceitar e ficar “esse cabelinho aí”, porque meu cabelo é de escova, não é cabelo mesmo, de branco. Eu tenho uma filha que é mais clarinha, uma filha, uma filha que é mais escurinha, aí perguntam “é do mesmo pai?”, é, vou fazer o quê! Vou levando, quando (...) eu sempre deixava em branco, porque eu acho ridículo você perguntar isso, quando você vai preencher ficha de emprego. Cor! Não sei qual é a minha cor, o que eu boto na minha cor! Não sei bem isso, sei lá, miscigenada. É isso, sempre acontece isso, então, eu fico aonde? Sabe qual é o melhor jeito, é parar de pensar e levar a vida (Entrevistada 13. Formada em Letras no ano de 2001. Rio de Janeiro, 20/07/2006).

No discurso do décimo quarto entrevistado, a exemplo do entrevistado 6, a ênfase na auto-identificação com a “raça” humana, como um posicionamento político prepondera no lugar de pertencimento a um específico grupo racial. Este destaca que sua auto-identificação poderia se processar a partir de dois processos, se fosse pelo genótipo seria negro, mas pelo fenótipo é branco.

Ah, eu ainda não sei. Esse conceito já foi tão falado. Antropologia trabalha muito com “raça”, a própria biologia que não existe mais “raça”, que existe a “raça” única, “raça” humana. Eu acho que faço parte da raça humana. Isso eu tenho a certeza. Agora, em relação ao, por exemplo, se o censo me perguntasse, não sei dizer, porque depende muito de critérios, aqui no Brasil é muito complicado (...) fazer aquela babaquice que lá em Brasília fizeram, de fotografar os estudantes para ver pela cor da pele onde eles se enquadrariam, entendeu. Agora, não me definiria, segundo esses critérios, mas, digamos assim, arcaicos, branco, negro, enfim, amarelo, não saberia dizer, até porque nunca me preocupei em fazer minha genealógica, acho que é uma coisa que demora. Mas, pelas fotografias, o pai do meu pai, meu avô paterno era negro, minha avó também. Então, se eu fosse pelo genótipo, eu seria negro, pelo fenótipo, branco. É complicado isso para a maioria da população brasileira entender, eu acho. Eu acho que isso é uma questão que a academia está muito além e que a maioria da população brasileira não sabe. Eu fico vendo isso com meus alunos. Eu dou aula para o EJA, a noite, e por mais que a menina, ela tenha o fenótipo de uma pessoa negra, não vou generalizar não, muitas não colocam negra, colocam morena, morena escura, morena clara, entendeu. Para alguns, eu acho que o adjetivo negro traz lembranças muito ruins, sabe. E, aí, o que acontece, eu vou dizer que ela é negra, quem sou eu para apontar, com qual critério que eu estou falando isso. Até o próprio IBGE na hora do censo te pergunta, ele não tem um critério estabelecido. Isso é bom e ruim ao mesmo tempo. Eu

acho que sou da raça humana (Entrevistado 14. Formado em Geografia no ano de 2001. Rio de Janeiro, 26/07/2006).

Por estes aspetos, a dinâmica da identificação racial no Brasil requer que se reconheça a diversidade de termos utilizado em seu cotidiano onde já se falou de 136 denominações raciais distintas, evidenciando a singularidade de como se definem racialmente os brasileiros. Certamente pertencemos à “raça” humana, mas temos de compreender que as relações sociais baseadas em hierarquias e subordinações definem quem são os indivíduos que pertencem às sub-raças e determinam seu espaço na sociedade.

As entrevistas levam a pensar que, se por um lado não se é possível negar a influência da idéia de branqueamento na sociedade brasileira, por outro, mostra que há um forte reconhecimento da ascendência africana, na construção da identidade, a partir da valorização das características positivas pertinentes a população negra.

Aqueles que se declararam negros indicam que há uma importante transformação na maneira de perceber a própria negritude e de sua inserção no mundo. Alguns como foi visto, têm esta consciência enraizada desde sempre, não passaram pelos estágios apontados por Ferreira (2000), nem mesmo perseguiram um “ideal de ego branco”, para se transformarem em “simulacros da brancura”, para serem reconhecidos e aceitos tanto na esfera pública quanto na esfera privada, até mesmo em função de terem sido socializados, pelo menos neste aspecto, em um ambiente sustentável e positivo o bastante, especialmente o ambiente familiar à construção de sua identidade. Dessa forma, não só “denegriram”, tornaram-se cada vez mais negro(a)s, a partir dos valores positivos ligados a sua condição racial, ao *habitus* cultural no qual se socializaram, mas já nasceram, cresceram, vivem e morrerão com esta identidade racial. Enquanto outros foram “denegrindo-se” aos poucos e construindo sua identidade racial negra, como foi efetivamente o meu caso, a partir do reconhecimento dos valores positivos da população negra e do seu pertencimento a este grupo racial. Este é de fato o primeiro passo em direção à “afrocidadanização”.